

José Adal Pereira de Souza

Custódio Ferreira Leite

Barão de Ayuruoca

Fundador de Barra Mansa

1ª Edição

Volta Redonda

2019

Edição do Autor

Souza, José Adal P.

Custódio Ferreira Lima – Barão de Ayuruoca

ISBN 978-85-903180-9-5

Outros títulos

Caminhos para sua Bike

ISBN 978-85-903180-

Os Muitos Corpos

ISBN 978-85-903180-7-1

Nasce a Cidade da Curva do Rio

ISBN 978-85-903180-6-4

Adão, Feito da Terra

ISBN 978-85-903180-5-7

Aventuras de Pedro Malazarte

ISBN 978-85-903180-2-8

Os Seis Poderosos

ISBN 978-85-903180-4-0

**Todos os Direitos Reservados**

**José Adal Pereira de Souza**

**Rua 54 n 48 ap 101, Vila Sta. Cecília Volta Redonda,**

**RJ cep 27261-060 Tel 24-33437175 Cel 24-**

**988216146 Email [joseadal@gmail.com](mailto:joseadal@gmail.com)**

**Tarde demais o conheci, por fim;**

**cedo demais, sem conhecê-lo, amei-o.**

**William Shakespeare**

# Índice

Um Bom Amigo .....	004
A Mãe e o Nascimento .....	007
O Pai e recém-nascido .....	017
A Infância e a Família .....	036
Continuando a Aprender .....	049
O Menino e a Inconfidência Mineira .....	059
O Moço e a Execução de Tiradentes .....	071
Custódio se Torna Homem Jovem .....	079
O Bispo lhe fala de Café .....	086
Custódio se torna Embaixador do Café .....	100
Começa um Novo Destino .....	121
A Estrada da Polícia .....	127
Capitão Custódio e os Escravos .....	151
Custódio em Vassouras .....	161
Custódio em Barra Mansa .....	175
A Fundação de Barra Mansa .....	184
Custódio e Dom Pedro I .....	202
A Vila de Barra Mansa .....	208
O Trem de Ferro e o Coronel .....	212
Quem Ama Cuida .....	222
Mar de Espanha, Último Destino .....	229
Custódio, o Barão de Ayuruoca .....	238

## Um bom amigo

**H**istória é a ciência por excelência porque, como a poderosa mão de Zeus, ela enfeixa todas as outras ciências. Ela é o registro do desempenho dos homens neste planeta desde a aurora dos tempos. Tudo o que fizemos de bom ou de mal está consignado nela. Ela é o simulacro de um registro muito maior e mais preciso – pois que engloba não só as ações, como faz a História, mas também as omissões, o que deixamos de fazer -, o LIVRO DA VIDA. Mas esse está no poder de Deus.

Neste livro o autor quis estudar a história de uma cidade e começou, muito apropriadamente, pelo seu fundador. Quem não ouviu falar de Rômulo e Remo os dois fundadores de Roma?! E uma cidade, não importa quanto vivem, viveram ou viverão nela, tem a marca indelével de seu fundador.

Então, para conhecer BARRA MANSA fui levantar o que se falava de seu fundador e achei menção a ele em páginas e páginas. A princípio duvidei das fontes. Não parecia possível ele ter “a partir de 1826, criado as condições para que se erguessem 12 igrejas nessa região do Sul-fluminense, destacando-se entre elas as de Barra Mansa, Arrozal, Vassouras, Marquês de Valença, Conservatória e Sapucaia”.<sup>1</sup>

Ou “era Bacharel em Direito, fazendeiro, Capitão-mor, Major e Coronel da Guarda Nacional; por Decreto de 14 de maio de 1855, recebeu do Imperador D. Pedro II, o título de Barão, pelo seu desprendimento

---

<sup>1</sup> <http://alv-patronos.blogspot.com.br/2012/05/custodio-ferreira-leite.html>

em prol do desenvolvimento do Vale do Paraíba, construindo estradas, escolas, templos e monumentos; fundou Barra Mansa; construiu as Catedrais de Barra Mansa, Areal, Conservatória, Valença, Sapucaia, Mar de Espanha e Vassouras; foi também Deputado Provincial de Minas Gerais; e possuía a Comenda da Imperial Ordem de Cristo”. Ufa! Ninguém consegue ser ou fazer tanta coisa em uma só vida! Então, o autor que devia fazer um trabalho de coletor de informações esparsas sobre um estranho, tomou-o como amigo. Esse homem era o amigo que sempre quis ter. Com um agravante.

Só achei um retrato dele, uma cópia digital de uma pintura e uma reprodução dela em carvão. Não era como uma foto instantânea, ele pegou desprevenido, um momento qualquer em sua vida registrado pela luz e por uma máquina. Não, sua imagem é de quem está posando para um artista. Olhando bem aquele rosto comprido que nos olha meio de lado com um simulacro de sorriso, como se estivesse dizendo “isso tem que acabar em algum momento” – ele esteve posando horas e horas –, percebe-se que ele era outro. Talvez essa descrição lhe seja mais fiel: “Quem visse o Barão sempre em viagem, com o chapéu repleto de papéis, trajando-se com a maior simplicidade, diria que era um desses modernos industriais ou eternos empresários, que buscam privilégios ou acionistas para sonhadas companhias, cuja única utilidade só por eles pode ser compreendida”.<sup>2</sup>

O autor, a vista dessa descrição, decidiu: quero ser amigo dele. E se embrenhou na vida desse paladino. Tornou-se uma amizade tão intensa que a esposa do autor começou a ficar preocupada. Esse acordava no meio da madrugada, coçava a cabeça como para acordar

---

2

direito de um sonho que lhe veio sobre o amigo e pé ante pé ia para o computador pesquisar uma nova fonte, ou averiguar a presença do amigo na vida de outro personagem importante de nossa história. Porque Custódio esteve em toda parte, talvez ainda esteja.

Para entender uma pessoa é bom conhecer pelo menos seus pais e seus irmãos. Se puder encontrar resquícios de como era o menino, como brincava, como foi tratado, o que viu e ouviu, pode-se ver o desabrochar do homem. E o autor, por amor a ciência que estuda e ensina há mais de 65 anos, e ainda mais pela amiza-de e admiração de que foi tomado, entrega a você leitor a vida, a história do fundador de BARRA MANSA.

Seja você desta cidade ou de outra, conheça-a bem ou só ouviu falar que “fica uma parada antes de Saudade”, vai ficar muito feliz em saber com que ‘dores de parto’ essa cidade nasceu. E vai descobrir um homem que pode se tornar um exemplo para sua vida. Pelo menos, de tudo o que conheci dele, sei que ele tentou o tempo todo em que viveu imitar JESUS CRISTO. E uma das coisas que este ensinou e que aquele se esforçou em seguir, foi:

“Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que são as pessoas importantes que exercem poder sobre as nações. Não será assim entre vós. Ao contrário, quem desejar ser importante entre vós será esse o que deva servir aos demais.” – Mateus 20:24-28.

Quanto mais o autor ficou conhecendo o fundador de Barra Mansa mais se admirou de a cidade destacá-lo como o Barão de Ayuruoca. Isso porque ele só ganhou esse título dois anos antes de morrer. Em praticamente toda sua vida ele era estimado por todos, respeitado pelas mais altas autoridades e convidado a participar de qualquer grande obra no Vale do Rio Paraíba do Sul, simplesmente como Custódio Ferreira Leite.

Assim, sem mais delongas lhe apresento meu amigo, CUSTÓDIO FERREIRA LEITE!

## A Mãe e o Nascimento

**S**inhá, está na hora de ir pra igreja.

A negra magra como uma vassoura entra pelo quarto adentro colocando sobre a cabeça um lenço marrom.

- Tenho de chegar antes da missa começar para pagar os emolumentos da Ordem. Hoje devo ganhar uma fita do monsenhor.

Dona Escolástica Maria bordava uma camisinha de pagão presa a um bastidor. Levantou os olhos do que fazia deixando suspensa a mão com a agulha e avaliou a serviçal de casa. Foram criadas juntas.

- Dê uma volta Piedade... Sua combinação está aparecendo mu-lher!... Está feliz em ter entrado pra Ordem Terceira, não é?

A outra arrumando o vestido e colocando a mão sobre o peito que parecia uma tábua, sorriu mostrando todos os dentes alvos.

- É uma grande alegria, senhora. Imagine, entrando em forma com as irmãs e irmãos, afinal me sinto gente.

- Não digo uma tolice dessa. Quando foi que a tratei feito cachor-ra? Apesar das posições diferentes que temos, não há tratei sempre como irmã. Não rezamos juntas o rosário desde que me entendo por gente?

- Não me leve a mal, madrinha. Nesta casa com a senhora e o comendador sempre fui tratada como pessoa, mas se saio a rua não sou nem vista pelos brancos. Me sinto invisível e sempre me contive de chamar atenção sobre minha pessoa. Agora, pertenço a Ordem, participo de tantos eventos, procissões, enterros, festas. Agora, desfilo nas ruas com meu povo, sinto-me viva, sinto que sou gente.

- Não vou discutir contigo. Onde estão as crianças?

A espevitada empregada vai até a porta e grita:

- Crianças, venham se despedir de sua mãe.

E vão entrando os quatro meninos e a menina. Os quatro menores, uma escadinha que ia de um a cinco anos, ficavam em casa e a esta hora estavam brincando no quintal dos fundos.

- Como estão bonitos, venha cá João.

Examinou as orelhas do garoto – fez o mesmo com os outros – e as unhas das mãos. Os meninos vestiam calça curta até a altura do joelho, seguras por um só suspensório que ficava atravessado ao peito, com cor azul-marinho ou marrom claro. A menina usava vestido de chitão bem colorido.

- O que vão levar como ofertório?

- José está levando meia onça de ouro que o pai lhe deu para esse fim. Manoel, João e Joaquim estão levando uma galinha gorda e Ana Maria está levando duas velas de meio metro.

- Está bem. Comportem-se. Piedade vai me contar qualquer mal-feito de vocês. Agora vão embora para não chegarem atrasados.<sup>3</sup>

As crianças beijam a mãe e saem do quarto.

- A senhora não está sentindo nada, pois não? Posso ir agora?

- O menino está quieto, é dos meus filhos o que menos trabalho está me dando.

- Vai ser um santo. Deixe-me ir correndo.

E saiu porta afora.

Dona Escolástica Maria de Jesus Moraes colocou a mão na barriga acariciando seu décimo filho. Colocou o bordado na cadeira e caminhou até a janela apoiando-se no batente e olhando o movimento daquela manhã dominical. Seu vestido tinha mangas três quarto e bustiê rosa, o que significa dizer que a cintura ficava alta, logo abaixo dos seios cheios, e caía até os tornozelos em pano branco. Ela olhou para o céu que estava lindo naquele mês de novembro de 1782. Uma

---

<sup>3</sup> **Projeto Compartilhar** sob Escolástica Maria de Jesus Moraes

primavera assim há muito não se via. O céu tinha um azul de roupinha de anjos, com um floquinho de nuvem branquinho lá por cima da serra. Ali do alto do sobrado via as pessoas que se apressavam para a missa de um ângulo que as tornavam muito iguais, apesar de suas roupas mais ou menos custosas. Aquele córrego de gente – cheio de falhas, afinal o lugar tinha poucos moradores e a corrente era formada por grupos esparsos, famílias, casais e uns pouco escoteiros – se dirigia para a capela de Nossa Senhora da Conceição. Uma amiga passou diante do casarão e a cumprimentou perguntando pela gravidez.



- É para o mês, se Deus quiser... Te aviso se precisar.

Então, um barulho e esporas arranhando o assoalho de madeira a fez se voltar quando o marido pa-rava a porta de seu quarto.

- Então, fazendo arte?!

Ela deu um sorriso ao mesmo tempo que pensava em como era forte o sotaque de José Leite Ribeiro. Ele se aproximou dela e, também, se apoiou na janela. Vestia seu uniforme azul-marinho aberto com as dragonas franjadas nos ombros, as casas dos botões do paletó com apliques brancos, calças apertadas, perneiras brancas abaixo dos joelhos, polainas pretas sobre as botas marrons, um cinto vermelho onde estava presa a espada, colete fechado da mesma cor

do paletó e com os apliques nas casas dos botões, sobre camisa branca com uma gravata borboleta preta. O chapéu de três bicos deixara em cima da mesa. O rosto redondo dos portugueses e seus cabelos

castanhos, avermelha-dos pelo sol a que se expunha nas estradas, com uma barba que só lhe rodeava a mandíbula e com as costeletas bem compridas era dono de uma figura que chamava a atenção. Ela se casara com ele aos 19 anos, estava quase ‘ficando para titia’ e foi sempre agradecida a José Leite por tê-la livrado do caritó.

- A senhora deve sentir falta de um lugar maior, São João Del Rei, por exemplo. Aqui é praticamente um arraial.

- Não, não me importo não. Conceição da Barra tem suas belezas e mais tranquilidade. Não se esqueça que cresci em Piedade do Rio Grande, menor do que aqui.

- Está se sentindo bem? A aparência de vosmicê é boa.

- Essa “barriga” está se saindo a melhor de todas. Fique tranquilo. O senhor já tem muitas coisas com que se preocupar, não quero ser mais uma.

- Vim aqui me despedir. Estou seguindo agorinha mesmo para Ayuruoca.

- Mas ainda é domingo!

- Para os atravessadores e ladrões de ouro não tem domingo nem dia de festas. Fomos avisados de uma grande partida que está vindo de Lavras com destino à Paraty sem pagar o quinto. Vou cortar o caminho adiante deles.

- Que o senhor tenha boa sorte e que Nosso Senhor Jesus Cristo vos proteja.

Segurando o chapelão de couro de abas largas com a mão esquerda com a direita tocou de leve no ombro da esposa.<sup>4</sup>

A intimidade fora do leito do casal era quase nenhuma. Desde que se conheceram suas vidas tão diferentes se juntaram e se mantiveram

---

<sup>4</sup> **Wikipédia** sob Custódio Ferreira Leite

unidas por três princípios: respeito, limites bem marcados de direitos e deveres e sincera simpatia. “Lá se vai meu marido. Meu marido... como é diferente nossa relação de casal de tudo que lia sobre amor e casamento feliz para sempre. Bem, eu sou feliz, tenho tudo de que preciso. Ou será que sinto assim porque não sei o que existe além do que tenho? Aí, pensar essas coisas me perturba a cabeça”. Ele saiu e ela voltou para a cadeira e sua costura. Há muito tempo que não lia nenhum livro. Ainda tinha curiosidade de olhar as notícias de algum jornal que chegava à casa. Mas os romances do tempo de solteira, nunca mais leu. As coisas que eles contavam eram pura fantasia. A vida real era menos alegre, mas as emoções vividas eram muito mais fortes do que um livro podia contar.

Escolástica Maria de Jesus Morais pertencia a uma família da nobreza espanhola que perdera toda fortuna. Casou-se com o já próspero Sargento-Mor em 1764. O casamento com José Leite Ribeiro, juntou à sua nobreza, a opulência do marido, que por sua vez, realizou seu sonho completo, ou seja, tornar-se rico e nobre.

José veio para o Brasil em 1739 junto com os irmãos Manoel Leite Ribeiro e João Leite Ribeiro. Vinham seguindo o irmão mais velho Antônio Leite Ribeiro, que “em 1719 arrematava em Praça Pública, em São João Del Rei, o Ofício de Aferidor de Marcas e Balanças, por duzentas oitavas de ouro”. Quem vinha para Minas Gerais naquele tempo, século XVIII, só carregava um propósito, encontrar ouro. Dos irmãos, “José Leite Ribeiro, era o mais ambicioso. Passou a minerar ouro no Rio das Mortes e estabeleceu-se com a Fazenda Palmital do Rio Preto, com lavoura de cana, cereais e criação de gado. Reunindo dinheiro, foi adquirindo es-cravos e ampliando a mineração. Em 1750 associou-se ao Capitão Francisco José Teixeira”.<sup>5</sup>

---

<sup>55</sup> **Facebook** em Família Leite

José Leite Ribeiro lhe contou, quando começou a cortejá-la, como se tornou um dos fundadores da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis, ali na cidade. Estavam na sala de poucos móveis de madeira escura, sentados em duas cadeiras que estavam enviesadas uma para a outra. Sua mãe costurava uma camisa apoiada no bastidor. Selas usadas em burros e cavalos ficavam no chão encostados a parede. Ela sentia que ele queria lhe impressionar e ao mesmo tempo acalmá-la provando ser um homem de bons costumes e religioso.



Ele contou:

- A primeira reunião foi na casa do senhor Francisco Lobo Silva Rios. Eu era relativamente novato na cidade, chegara de Portugal dez anos antes. Assim, quando entrei naquela casa de uma família, pode-se

dizer, tradicional da cidade, estava muito contente. Tomei conhecimento da responsabilidade envolvida em ser um irmão fundador e do quanto me custaria ter essa honra. Sempre achei que aquele dinheiro foi bem empregado. Em 8 de março de 1749 me tornei um membro da Ordem Terceiro.

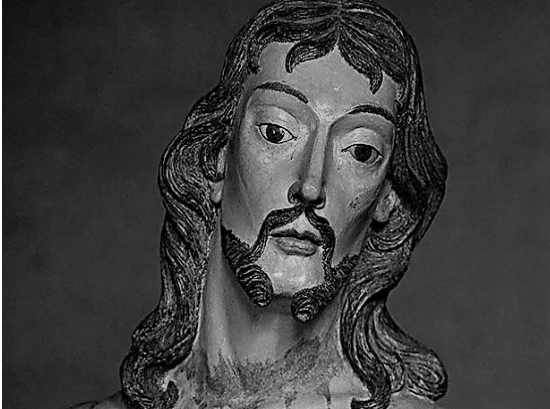
- Eu tinha dois anos.

- A capela que vossa mercê frequenta começou a ser construída naquele mesmo ano.

Escolástica Maria sentia que estava entrando, e participando ativamente dessa história, como se já fosse dela também. Era uma situação que a atemorizava e ao mesmo tempo fascinava, pertencer de corpo e alma a um homem e a sua vida. E essa impressão que aumentava a cada visita dele ou nos encontros nas idas à igreja, lhe dava um arrepio no peito e nas coxas. O casamento mostrou a ela que esse arranjo arcano era o melhor para um homem e uma mulher.

Na noite em que se casou, achou a penetração em seu corpo uma coisa deliciosa e podia repetir esse prazer sem ter nenhuma cul-pa! Quando sentiu que estava gerando um filho se deu conta que aquela brincadeira sob os lençóis era realmente um sacramento que estava formando um núcleo de pessoas que participariam e acrescentariam muito a sociedade de São João Del Rei.

Os dias passavam sem muita novidade, quase tudo era cotidiano e repetido, mas sempre houve eventos que marcaram a vida da família. Em 1772 ela se atarefou com Piedade em arrumar a casa e a toda hora estava na cozinha vendo o andamento do almoço. A Ordem Terceira havia contratado um famoso artista para projetar a igreja de São Francisco de Assis em substituição a capela. O homem estava na cidade ultimando o contrato de construção e os irmãos decidiram que ele almoçaria na casa do Sargento-Mor. Qual não foi a emoção que sentiu quando abriu a porta para o marido acompanhado de cinco irmãos e



de um mulato de cor bem forte e com o rosto e as mãos deformados por alguma os doença. Ela estava diante do homem que conseguia criar maravilhas de um simples pedaço de pedra ou de um toco de madeira, Antônio

Francisco Lisboa. Era quieto e se portava com muita discrição, falando pouco. Porém, Escolástica, percebeu que ele ouvia com atenção e ela mesma, quando falou da boa impressão que suas esculturas causaram em duas amigas que as viram, recebeu de volta a energia de sua empatia. Ele compreendia as pessoas.

- Elas ficaram impressionadas com as estátuas do tamanho de um homem e com feições brutas.. não, elas disseram que tinham ‘traços estranhos’.

- Realmente mestre, o senhor não segue a estética europeia.



- Costumam dizer...

Ele falava pausadamente, as mãos apoiadas na mesa, cada uma segurando um talher.

- ... que faço assim porque não sou branco, e não consigo manter a ‘pureza’ da evolução da arte na Europa. Mas prefiro pensar que meu barroco mestiço é livre para criar. Posso buscar belezas na arte africana. Também posso fugir da unicidade,

uma escola em que todos os artistas seguem uma mesma estética, copiando traços usados uns pelos outros. Minha origem mestiça, a mistura do elemento branco com o negro, da cultura europeia com a africana. Também tenho elementos índios na minha ascendência, o que me deu capacidade de ser original. Chamam minha obra de ‘impura’ e ‘múltipla’, acho bom. Veja a variedade da natureza. Sou assim, divergente como a natureza.

- Nossas igrejas estão cheias de Nossas Senhoras de rosto redondo e olhos esbugalhados, o perfil normal da portuguesa. É como se Portugal pudesse mandar em nós inclusive na religião. A obra de Francisco me faz recordar que sou brasileiro. Sim, filho de portugueses, mas com alguma coisa que recebemos dessa terra de florestas que nos faz diferente.

Falou o maçom Francisco Lobo Silva Rios, o filho. Escolástica escutava com atenção. Ela respeitava demais a obra do mulato Aleijadinho. Dois anos antes, quando foi mostrado o altar-mor – ele estava o tempo todo coberto enquanto era trabalhado – ela ficou deslumbrada com a beleza e riqueza de detalhes.

Agora, dez anos passados ela ainda vivia, de tempos em tempos, situações inusitadas e recebia figuras conhecidas de Vila Rica e do Rio de Janeiro. Ou eram militares do trabalho de José, ou ricos mineradores da estirpe de seu marido, ou ainda políticos para discutir projetos públicos. Sua casa era um lu-



gar concorrido e ela não se atrapalhava com isso. Mesmo tendo nove filhos, uma criadagem e uma grande casa para cuidar.

Maria Escolástica possuía uma informação dada por seu padre que acalmava sua consciência de possuir escravos. Ele lhe disse que quando uma religião chamada islamismo entrou no Sul da África ela causou terríveis guerras entre as nações. Essas guerras produziam muitos prisioneiros que tinham como destino a morte. Os portugueses andavam pelo interior da África desde o século XVI e perceberam nessa multidão de desprovidos da sorte uma farta mão de obra para a agricultura em suas colônias. Em-tão, serem vendidos como escravos dava a esses homens e mulheres uma sobrevida. Ele lhe disse: “Escolástica, essas pessoas que trabalham para você e seu marido há muito já deviam ter morrido. Vocês as alimentam e vestem, dão abrigo e até lhes permitem praticar a religião cristã. Você está fazendo bem a eles”. Esse pensamento a tornava uma irmã mais experiente para os negros e ela os tratava com firmeza e bondade.<sup>6</sup>

Mas o décimo filho chegou. A parteira, vizinhas e amigas ao visitá-la quedavam-se embevecidas com aquela carinha bonita com a cabeça cabeluda. Perguntavam-lhe o nome, mas Escolástica dizia que ainda não tinha nenhum. O pai estava na lida pelas estradas em trabalho perigoso e Maria Escolástica dizia esperar o marido para decidirem como se chamaria. Chegou assim a este mundo, o herói de nossa história.

---

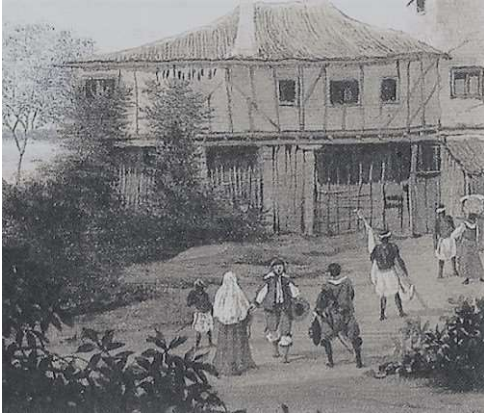
<sup>6</sup> **O Arcaísmo como Projeto**, de Mariolo Florentino e João Fragoso p.

## O Pai e o Recém-nascido

O caminho para Ayuruoca serpenteava entre morros. Ora ele e três soldados estavam num alto de onde se divisavam léguas e léguas de terras sem vivalma, ora os cavalos desciam com cuidado as ferraduras travando, os quartos meio-arriados, quase encostando no chão, ora passavam em algum regato estabando água para todo lado. José Leite havia lido num manual geológico que todos aqueles campos faziam parte de um planalto, mas os rios e córregos de tanto carregar areia e pedras foram afundando seu leito e formando vales, colinas e cânions criando aquele “mar de morros”. Quando no alto aquelas paragens pareciam mesmo um mar encapelado. Conversava pouco com os praças e cada qual dialogava mais consigo mesmo ou meditava em problemas da vida e do trabalho.

Pararam a sombra de um jacarandá imenso, desembrulharam o farnel e fizeram uma refeição simples: carne seca com farinha de milho, ovos cozidos, pedaço de broa e café improvisado com um bule que carregavam, água cristalina que passava perto da enorme árvore, uma fogueira feita entre duas pedras e o pó de café coado num saco de pano. Pregaram olho por meia hora e volta-ram a montar nos animais que haviam pastado e matado a sede à vontade. Passaram por Madre de Deus no meio da tarde e arrepriaram o passo para chegar em São Vicente no princípio da noite.

Descansaram no salão com os ouvidos bem atentos à alguma referência aos atravessadores de ouro. A janta foi farta, os pratos fundos tinham mais de duas alturas do prato: feijão com arroz, angu em porções grandes, ovo frito, jiló cozido e um pedaço de carne de porco bem molhado de gordura. Viajantes em outras mesas falavam de negócios e dos pesados impostos que a coroa cobrava deles. Mesmo vendo que policiais estavam no salão, três indivíduos falavam aber-



tamente do absurdo do ouro tirado de nossas serras ir abarrotar o tesouro da Inglaterra. Dizia um mameluco bem vestido: “Este mundo de terra que é o Brasil, necessitado de tudo, nossa riqueza ao invés de ser gasta aqui torna a ilha dos ingleses mais bem cuidada. Vi em um livro de viagens

dum galego uma imagem dos terrenos de um castelo. Tudo gramado parecendo um tapete perfeito. As árvores frutíferas plantadas em bosques. Vocês não fazem ideia do que são os bosques deles. Não são como as matas daqui cheias de cipós que atrapalham a passagem e coberta de arranha-gatos, urtigas e plantas espinhentas que parecem ter sido plantadas fartamente pelo demo. Então, navios saem de nossos portos pesados de ouro para enfeitar um país que já tem tudo. Me digam, não é uma injustiça inominável? E a quem vamos reclamar, quem levantaria a voz por nós. Não adiante nem pensar em ‘se queixar ao bispo’. Estamos numa terra sem Deus nem justiça”.

José ainda se sentia um português, não se considerava um brasileiro, e defendia em boa consciência o que o governo português arrecadava do ouro e pedras preciosas que saiam desse chão. Ele pensava: “Ora, ainda ficam quatro vezes mais para ser gasto aqui. Se os portugueses e brasileiros gastam tudo com coisas supérfluas ao invés de melhorarem seu país, o problema é deles. Mas, o sarará ali tem sua razão. Com o Tratado de Methuen mais da metade do que Portugal amealha daqui vai parar na Inglaterra. Assim não é difícil serem ‘o império onde o sol nunca se põe’”.

Os soldados não se demoraram muito, os músculos todos pediam descanso, o corpo ansiava por um bom sono e foram se deitar. José Leite ainda se demorou tomando seu vinho sossegadamente quando se acercou da mesa um homem fardado.

- Sargento-mor José Leite Ribeiro!



Ele arrastou a cadeira e se levantou deixando o copo na mesa.

- Ora se não é o Alferes Joaquim José da Silva Xavier. Que encontro inusitado. Seu trabalho não é para os lados de Vila Rica?

- Mas o senhor não se importa d'eu estar por cá, por essas suas bandas, não é mesmo?

Sorriam enquanto se apertavam as mãos. O Alferes trajava um uniforme colorido: paletó azul-marinho com dragonas franjadas e ponta das mangas em vermelho com apliques brancos e abertos, colete vermelho com muitos botões pequenos sobre camisa branca com peitilho rendado e gravata borboleta, calças apertadas em amarelo, calçado com botas pretas de cano alto e com cinto vermelho e preto de onde pendia espada.

- De modo algum. Mas sente-se por favor. Não o vi no salão.

- Cheguei a pouco, só tirei a poeira da estrada e vim jantar.

- Não se dê por rogado. Eu já ceei com os rapazes que foram dor-mir. Mas lhe faço companhia.

- Já pedi a refeição... Olha que vem chegando!

O estalajadeiro deixou os talheres e o prato que não vinha cheio, como dos três moços que já haviam se retirado.

- A noite não como muito, senão o sono é pesado. Não se importa se vou comendo?... Mas podemos conversar. É até melhor para a digestão... Está em missão? Se não pode falar sobre isso, se for coisa reservada não me diga nada.

- Não, é o de sempre. Estou atrás de uma quadrilha que está levando ouro de contrabando.

- É a miséria desse país, quererem resolver as coisas pela malandragem. Foras da lei, são o que são.

- E o senhor, o que faz por estas bandas. Fique à vontade se não puder me falar.

- Realmente, não posso lhe relatar muita coisa. Estou indo para Barbacena, mais ou menos com a mesma missão de vossa mercê. Salteadores. Essa Mantiqueira tem muitos caminhos e os malfeitores são difíceis de se pegar.

- Sem dúvida. Lembro-me agora, o senhor desbaratou uma perigosa quadrilha.

- Há dois anos recebi da Corte uma carta assinada pela própria rainha Dona Maria I me dando essa missão.

- A nossa louca.

- Um rei é mais uma figura decorativa, o amigo sabe. É toda a escadaria de ministros, assessores, oficiais e secretários que fazem tudo girar... Mas lhe dizia, nessa carta fui designado como Comandante da Patrulha do Caminho Novo.

- Uma grande responsabilidade. O que desce de ouro por ali!

- Mas o senhor sabe, o rigor sem misericórdia é um grande inibidor do crime. Acompanho por parte do caminho tropas de quatro cinco burros carregados de ouro. Quantia que dava para comprar um reino! E seguem para o Rio de Janeiro guardada por três ou quatro soldados!

- Sim.

- Mas quando alguém põe na cabeça que ele pode ser diferente, que tem uma estrela que brilha mais do que a dos outros ho-mens, esse tal se torna um perigo.

- Foi o caso do tal Montanha, não é?

- Um sujeito feio, de barba grande e suja. Ele começou atacando contrabandistas, gente da laia dele. Roubava-os e os matava. Raras notícias chegavam as autoridades que não se moviam tem-do mais com que se preocupar do que com malandros. Mas o sujeito ‘cresceu asas’ e passou a atacar mascates e fazendeiros. Os cadáveres eram jogados em grotas e cafundós que só urubus ficavam sabendo. Mas quando sumiu um fazendeiro conhecido como ‘seu’ Açucreira, o governador recebeu petições e cobranças do clero e de autoridades do lugar do desaparecido, e não pode ignorar.

- Não podia. Pressões assim geram a tal ‘vontade política’.

- E essa quando começa a mexer suas engrenagens nada as con-segue parar. Fui designado para caçar e achar esse meliante de qualquer maneira. Achamos primeiro o desaparecido perto de um povoado cujo alcaide é um tal Coronel José Aires Gomes. Ele me deu cidadãos da Freguesia e junto com minha tropa batemos matos e caminhos, morros e grotões. Achei o tal e o levei com uma corda amarrada ao pescoço. O exemplo faz os tolos refletirem.<sup>7</sup>

Ficaram calados um pouco, Tiradentes mastigando devagar e José leite tomando goles do seu vinho.

- Estou me lembrando da última vez que nos vimos. Num en-contro no Rio de Janeiro, estávamos tendo uma conversa boa. Se não me engano o senhor defendia Rousseau: “nas ações dos animais a natureza tudo faz, enquanto o homem realiza tudo como um agente livre”.

---

<sup>7</sup> **Tiradentes**, de José Alberto Pinho Neves p 38

- É isso mesmo. Temos liberdade, o que os animais sujeitos ao instinto não têm.

José Leite tomou outro gole do vinho saboreando seu gosto ras-cante, e disse:

- Liberdade, palavra doce, mas irreal.

- O amigo não crê que podemos fazer o que decidirmos? Thomas Hobbes escreveu que “a condição de liberdade integral é puramente natural aos homens”.

- Bem, o amigo sabe, sou português de Guimarães e tive o prazer de provar a pura liberdade que o homem pode ter deixando mi-nha terra e vindo fazer a vida no Brasil. E olhe que o governo do monarca português D. Pedro II estava preocupado com tanta gente que vinha para o Brasil minerar ouro e havia baixado uma lei três anos antes de eu nascer, 1720, dificultando ao máximo a saída de Portugal. Mais de 600 mil portugueses deixaram suas fazendas e vieram para o Brasil. Quase perdi o direito natural de poder ir e vir. Prezo muito esta liberdade... Também, a época não tinha muitas amarras, era solteiro. Hoje já não tenho essa liberdade. A família não para de crescer.

- Entendo. Mas falando filosoficamente, o mesmo Hobbes disse que “o homem é tão mais livre quanto mais caminhos possa trilhar”. O senhor estava na Europa, centro de tudo e onde tantos gostariam de viver, mas escolheste vir para o Brasil, terra inculta, com tudo para ser feito.

- Sim, o senhor tem razão.

- Os caminhos são muitos e estão todos abertos diante de nós, mas só os vemos pela necessidade.

- Como assim?

Tiradentes demorava mastigando e então respondia brandindo o garfo como um maestro agita a batuta.

- O senhor deve ter percebido que tudo em Portugal já era feito por gente muito mais experiente do que o jovem José Leite. Entendeu que

a nova terra ainda tinha tudo para ser feito, então tomou um navio e ‘veio fazer a vida’ aqui.<sup>8</sup>

O outro ouvia e tomava o vinho. O alferes comia mais um bocado. E então voltou a falar.

- Tome meu caso. Não sou de família pobre, e fui uma criança feliz cercado de tudo o que precisava. Aí, a vida decidiu me em-purrar para um caminho novo.

Outra pausa para mastigar, e o garfo volta a tomar vida nas mãos dele.

- Perdi minha mãe aos 9 anos. Hoje lembro pouco de suas feições, chamava-se Antônia da Encarnação Xavier, brasileira. Dois anos depois se foi ‘seu’ Domingos da Silva Santos, homem de realizações. Somos de um distrito de São João Del Rei, como o se-nhor. Ele era fiscal de pesos e medidas, e ordenava o comércio e os preços. Era um Almotacé. Não tive liberdade de escolher para onde ir quando fiquei órfão, a família me destinou viver com meu tio e padrinho, o cirurgião-dentista Sebastião Ferreira Leite.

- Ora, então foi assim que o amigo se tornou o famoso Tiradentes!

- Sim. Meu tio era um homem de muita instrução e em sua casa eu me tornei um estudante compulsivo. Aprendi a profissão com profundidade, não só arranco dentes como faço dentaduras.

Os dois riram gostosamente.

- E tendo aprendido a fazer cirurgias na boca também operava e tratava outras mazelas. Fui morar no Rio de Janeiro e cheguei a ser conhecido como ‘curandeiro’.

Outros risos. Joaquim empurrou o prato e se serviu de vinho. Tomaram quietos.

- Os caminhos de que falamos há pouco. Curei algumas pessoas. Eu me

---

<sup>8</sup> 1789 – A Inconfidência Mineira, p 45

preocupava mesmo com quem sofria, ainda me preocupo, apesar de estar hoje em outra senda. Vou lhe contar um caso. Foi trazida a meu consultório uma mulher como uma ferida muito feia na perna. Uma úlcera com profundida. Médicos a tinham desenganado diagnosticando um câncer incurável. Minha fama a trouxe a minha casa. Pois fiquei penalizado com ela e estudei tudo quanto era erva e fórmulas químicas que pudessem parar aquela chaga que só aumentava. Algo que remisse e fechasse a carne. Procurei ajuda de um primo que é padre e estudioso de Botânica e que residia num convento no Rio. Consegui uma mis-tura bem equilibrada e, com banhos regulares a ferida fechou e a perna dela ficou sem nenhuma cicatriz. Imagine como minha fama foi às alturas!

- É o amigo andou por muitos caminhos.

- E não tinha mais que 18 anos!

- Ora vejam!

- Mas comecei a sentir outra necessidade.

- Aí foi caçar um novo caminho?

- Quis enricar. Comprei uma tropa de burros e comecei a comprar mercadorias diversas e levar para São João Del Rei e outras pra-ças pelo caminho. Daqui de Minas levava produtos para o Rio de Janeiro.

- Enricou?

- Está brincando?! Ganhava e perdia. Não fui feito para essa vida. Convivi pelas estradas e pousadas com muitos turcos que no mesmo tempo que eu, fizeram um bom capital, eu não.

- Então, procurou outro caminho?

- E não foi?!

- Isso é que é liberdade!

- Aos 29 anos entrei para esta vida que ainda levo. Me alistei como Alferes.

- Bem, será que aos 40 anos o amigo ainda estará nesta vida ou vai tomar outro rumo?

- A necessidade é que vai me guiar. Ou como disse Emmanuel Kant, “a liberdade transcendental não é só a capacidade de julgar o que é bom e satisfatório para si, mas a faculdade de iniciar algo que nem mesmo se tem ideia de onde nos levará”.

- O senhor lê muito, pelo visto.

Cada um mergulhou um pouco em sua vida. A estalagem esvaziava, os viajantes iam dormir.

- Me parece que uma tal liberdade de escolher uma trilha que nem se sabe onde vai dar ou como acabará, não é causada por uma necessidade.

- Aí é que o amigo se engana e por isso Kant a descreveu como ‘liberdade transcendental’. É quase um destino.<sup>9</sup>

- Falando em caminhos, soube que o senhor participou na construção de um trecho do Caminho Novo de Vila Rica para o Rio de Janeiro.

- Exatamente. Há dois anos fui designado para trabalhar com o tenente coronel Manoel do Vale Amado, excelente engenheiro, e em julho de 1781 começamos uma picada com uma pequena tropa e oito escravos. Enquanto abríamos o caminho a facão e enxada bati campo até achar de onde se poderia tirar pedras para pavimentar o caminho. Avançamos bastante, mas tive de deixá-los porque o governador me deu a missão que estou realizando agora. Mas tudo indica que volto para comandar a tropa que vai guardar o Caminho Novo.

- Por aqui, também tenho comentado com grandes proprietários e membros do governo de São João Del Rei da necessidade de construirmos uma estrada ligando nossa região ao Rio de Janeiro.

Ficaram sem falar e emborcaram o copo terminando o vinho.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> **Tiradentes**, ps. 33 a 37

<sup>10</sup> **Tiradentes** p. 38